



FIFA WORLD CUP  
Qatar 2022

CORREIO BRAZILIENSE

# SUPER ESPORTES

www.df.superesportes.com.br - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

19 • Brasília, terça-feira, 20 de dezembro de 2022



**COPA DO MUNDO** Além da alteração no formato da próxima edição do torneio, que contará com 48 seleções e três sedes, outras mudanças em relação ao Mundial de 2022 no Catar estão previstas, por exemplo, na logística, infraestrutura e custos

Patricia de Melo Moreira/AFP

## O foco agora é 2026



Vencido pela Argentina contra a França em grande jogo no domingo, torneio do Catar teve festa pomposa na passagem do bastão para Estados Unidos, Canadá e México

JOÃO VITOR MARQUES  
Enviado especial

**A**cabou uma Copa do Mundo sem precedentes. Investimento recorde (mais de R\$ 1,2 trilhão), custos altos para os torcedores e uma logística interna facilitada são alguns dos fatores que tornaram único o torneio sediado no Catar e faturado pela seleção da Argentina. Entre críticas e elogios, o país-sede considera positivo o saldo final do megaevento organizado pela Fifa. Por um lado, houve muita festa com a quarta maior média de público da história.

Por outro, reclamações, sobretudo pelo tratamento dado à comunidade LGBTQIAP+ (veja mais na página 20), às mulheres e aos trabalhadores imigrantes. Terminada a competição, é hora de pensar no que vai ser a próxima. Em 2026, sede tripla formada por Canadá, México e Estados Unidos recebe uma edição distinta em relação a do Oriente Médio. A seguir, o **Correio** lista cinco diferenças deste Mundial para o que vai ocorrer daqui a três anos e meio.

### Formato

A primeira e mais óbvia diferença é no formato de disputa da Copa do Mundo. Desde a edição de 1998, são 32 participantes divididos em oito grupos de quatro seleções. Os dois primeiros avançam ao mata-mata, que tem oitavas, quartas, semi e a grande final.

No Mundial da América do Norte, serão 48 vagas, em formato ainda não definido pela Fifa. A divisão de vagas por confederação será a seguinte: a Ásia terá oito times e mais um na repescagem; a África classifica nove, com outro na seletiva. A América do Sul terá seis e mais um na repescagem, mesma quantidade das Américas Central e do Norte. A Oceania participará com uma equipe, enquanto a Europa joga com 16 seleções.

### Distâncias

Outra diferença significativa é em relação ao deslocamento interno de torcedores. No Catar, a maior distância entre os oito estádios era de aproximadamente 68 quilômetros — percurso de carro do Al Jannoub, em Al Wakrah, ao Al Bayt, no meio do deserto de Al Khor.

Foi possível fazer qualquer trajeto — o novíssimo metrô de Doha ou o ônibus express disponibilizado pela organização em dias de jogos.

Em 2026, a logística — crítica tão marcante nos Mundiais do Brasil, em 2014, e na Rússia, em 2018 — voltará a ser uma questão. A Fifa escolheu 16 cidades-sede para a competição: três no México, duas no Canadá e 11 nos Estados Unidos. Naturalmente, pela distância entre os países, as viagens de avião voltarão a ser uma constante para torcedores e jornalistas.

No Catar, repórteres credenciados puderam acompanhar até dois jogos por dia. Ao fim da competição, houve jornalistas que foram a mais de 30 — algo impensável em outras edições. Entre torcedores, o influenciador brasileiro Lucas Tylty bateu o recorde mundial de partidas em uma mesma Copa e se propôs a frequentar cada uma das 64, da abertura à final.

Daqui a quatro anos, a maior distância entre cidades será 70 vezes maior. Quase 5 mil quilômetros separam Vancouver, no Canadá, e a Cidade do México. Voos diretos entre as duas sedes demoram cerca de seis horas.

Ainda não se sabe exatamente como a Fifa distribuirá as seleções entre as 16 cidades. A tendência é que a entidade separe os jogos de cada grupo por região ou país, a exemplo do que fez em 2002 no Mundial dividido entre Japão e Coreia do Sul. É possível que, por exemplo, uma seleção jogue toda a fase inicial da Copa em uma só região para diminuir os deslocamentos.

“Vamos tentar organizar a Copa de um jeito que as seleções e os fãs não tenham que viajar muito. No momento oportuno vamos decidir o local da abertura e o palco da final”, assegurou o presidente da Fifa, Gianni Infantino.

### Infraestrutura

O Catar fez a Copa do Mundo mais cara da história ao investir cerca de R\$ 1,2 trilhão em obras de infraestrutura, como estádios, rodovias, metrô e até uma cidade. Lusail, palco da final de domingo (18) entre Argentina e França, foi construída do zero para receber dez jogos do Mundial.

Várias arenas gigantes foram erguidas em um país sem tradição no futebol. “Quando

assistimos a jogos, costumamos assistir de casa mesmo”, disse o motorista catari Khalouf. Justamente por isso, a organização local decidiu desmantelar a maioria dos estádios e transformá-los em outras coisas, como estabelecimentos comerciais, mesquitas e centros médicos, por exemplo.

Para 2026, a Fifa espera que tudo seja bem diferente — tanto nos investimentos em infraestrutura, quanto no legado deixado pela competição. Estados Unidos, México e Canadá têm tradições bem diferentes no futebol, mas uma coisa em comum: grandes e modernos estádios para receber a Copa. Comparado ao Catar, quase nada precisará ser feito.

### Preços

“Nós não estamos em condições para isso”, resumiu o argentino Adrian Pablo De Reatti, que saiu de Buenos Aires para acompanhar a seleção no Oriente Médio. Ele conta que, muitos dos 30 mil compatriotas que viajaram ao Catar tiveram que fazer “loucuras” financeiras para conseguir assistir à campanha da Alviceleste.

De fato, a Copa do Catar é a

mais cara da história não apenas em investimentos da organização, mas também para os torcedores. Estima-se que era necessário pelo menos R\$ 30 mil para ficar dez dias no país, considerando passagens, hospedagem, alimentação e ingressos.

Não que o próximo Mundial vá ser barato para os torcedores, mas a expectativa é que haja maior flexibilidade para que cada um adapte a viagem à própria realidade financeira. No Catar, não havia possibilidade de se hospedar em locais de custo mais baixo, como hostel ou AirBnB, por exemplo. As opções estavam limitadas aos estabelecimentos oficiais da Fifa, o que tornava tudo mais caro.

Outro custo bem alto no Catar foi a alimentação, por dois motivos especiais: por estar no meio do deserto, o que naturalmente faz com que tenha que importar a maior parte dos alimentos; e por ter uma renda média consideravelmente superior ao resto do planeta.

Em 2026, haverá o ponto negativo de provavelmente se gastar mais com passagens aéreas. Porém, os custos com hospedagem e alimentação certamente serão bem menores.

## Opinião dos especialistas — O que o Brasil precisa para vencer a Copa?

JOÃO VÍTOR MARQUES  
Enviado do Estado de Minas ao Catar

A pergunta é muito complexa e tem várias respostas possíveis. De bate-pronto, penso que é necessária uma reformulação mais profunda no planejamento da CBF para o futebol nacional, desde a formação de jovens jogadores às diretrizes de como deve ser o jeito de jogar da Seleção Brasileira — como fizeram as campeãs Espanha (2010), Alemanha (2014) e França (2018). Soluções a curto prazo, como a simples escolha de um treinador de renome, podem, sim, resultar em um ciclo vitorioso que termine em título na Copa do Mundo de 2026.

Afinal, a geração atual tem ótimos talentos. Mas os problemas são muito maiores do que esse.

MARCOS PAULO LIMA  
Enviado do Correio ao Catar

A Seleção precisa de um projeto. Exceto a Argentina, cujo plano era ganhar a qualquer custo a fim de encerrar o jejum de 36 anos antes do adeus de Messi à Copa, e da Itália de 2006, todas as campeãs no século tinham um norte, um conceito de jogo. Foi assim com Espanha, Alemanha e França, campeã em 2018 e vice em 2022. É impossível escolher um técnico sem um plano estruturado para o hexa. Sim, há uma geração incrível adiante.

Imagina um ataque com Vinícius Junior, Endrick e Rodrygo? Mas sem alicerce, todos serão desperdiçados, como foram no Catar. É inadmissível também a falta de um psicólogo do esporte na comissão técnica. Tem faltado força mental contra potências e adversários de segunda linha da Europa. Talento não falta. Ideia e cabeça no lugar, sim. Muito. É preciso urgente descobrir um meio. Como se não bastasse não ter, o Brasil é recorrentemente eliminado por quem desfruta de um.

JAECI CARVALHO  
Colunista

Primeiro, a CBF precisa escolher um técnico capacitado a

recuperar nosso DNA ofensivo! De toque, tabela, drible, passe e gol. Um técnico que não seja submisso a Neymar e companhia. Fazer um trabalho uniforme das categorias de base até a seleção principal. Acho que o Luís Enrique, da Espanha, seria um grande nome.

KELEN CRISTINA  
Subeditora do Estado de Minas

É preciso, em princípio, voltar a formar um grupo que tenha unidade, identidade de seleção no sentido mais primário, que é estar ali para representar um país — e não apenas mais um objetivo individual da carreira de cada um deles. Essa

concepção é visível, por exemplo, na atual campeã, Argentina. A ideia de merecimento para o Brasil voltar a ser campeão vem também muito atrelada à execução de ideias de jogo mais sólidas, com variações que explorem o talento individual, mas que sejam fortalecidas pelo coletivo. E isso vai depender primordialmente do treinador a ser escolhido pela CBF.

JORGE NICOLA  
Colunista

Contratar um técnico estrangeiro é o primeiro passo! Existe enorme escassez de treinadores brasileiros — nenhum hoje é melhor do que Tite, que

falhou nas duas tentativas em Copa do Mundo. Depois da escolha do estrangeiro, será preciso paciência! Porque nada que será conquistado até 2026 terá o valor desejado pelo torcedor. A boa notícia é que existe enorme potencial humano. A nova geração de atletas é excelente, a melhor do mundo.

BOB FARIA  
Colunista

Acho que é preciso fortalecer o preparo mental dos jogadores brasileiros. A maior parte é muito desconectada com o nível de competitividade que o futebol moderno pede. É muito talento, mas pouca inteligência coletiva.